



**MEMENTO MORI E CONTEMPLUS MUNDI:  
A FEIURA NAS RELAÇÕES DE AFETO NO CONTO  
“HOJE DE MADRUGADA”, DE RADUAN NASSAR**

Marcela Magalhães de Paula\* (Embaixada do Brasil em Roma)

### **Introdução**

A obra de Raduan Nassar revela-se por meio de nuances eróticas, em que o desejo do corpo esbarra com as questões castradoras da sociedade ocidental, gerando no sujeito conflitos que, por vezes, se sobrepõem ao ego e superego. Nessa linha, surpreende-nos a figura feminina nassariana no conto “Hoje de Madrugada”, que reflete um perfil já esboçado na novela *Um Copo de Cólera*<sup>1</sup>, cuja figura feminina vai em busca de saciar os desejos do corpo. Ou seja, é ela, a princípio, a agente da transformação da figura masculina em objeto de satisfação sexual, abandonando a posição de objeto para ser sujeito no jogo de sedução. Para tanto, o narrador, em primeira pessoa, pinta um cenário em que a dama suplicante vê frustrada sua vontade, levando os personagens ao que nos remete Octavio Paz, seguindo Bataille, de que o erotismo nos leva à solidão e ao silêncio, que abordaremos mais à frente.

“Hoje de Madrugada”<sup>2</sup> é um dos raros contos de Raduan Nassar conhecidos pelo público. Escrito em 1970, foi publicado em 1996, no *Caderno de Literatura Brasileira n.º 2*, edição que elegeu o autor como tema. O texto traça um recorte dramático na relação de um casal, em que a mulher adentra um local fechado onde se encontra o homem, procurando satisfazer suas necessidades afetivas. Dessa forma, é na madrugada que a personagem, sedenta por afeto, vai abordar o companheiro em seu microcosmo. O narrador-personagem, então, passa a tecer um ambiente em que o jogo de sedução logo se apresenta malogrado, desde seu intento inicial até o desfecho da curta narrativa.

### **1 A ausência da beleza no corpo: interferências nas relações de gênero**

De início, a beleza parece seguir de perto o rompimento do microcosmo. Este é deflagrado pelo modo como o narrador



cita a maneira como a consorte entra no ambiente, desnudando a insatisfação dele diante da visão do corpo dela. Leiamos um trecho do conto em estudo: “[...] Descalça, entrava aqui feito ladrão. Adivinhei logo seu corpo obscuro debaixo da camisola, assim como a tensão escondida na moleza daqueles seus braços, enérgicos em outros tempos” (p. 56).

Leyla Perrone-Moisés, no artigo sobre a obra nassariana, “Da cólera ao Silêncio”<sup>3</sup>, assevera que: “Na verdade, todos os textos de Raduan Nassar se constroem em torno de uma recusa: recusa de obediência, recusa de cumplicidade, recusa de amor” (p. 76). Dessa forma, a recusa em dar amor, que o personagem forja à companheira, parece-nos – dentre vários motivos possíveis – permear a questão da beleza feminina, ou melhor, a sua ausência. Assim, o narrador, ao traçar um paralelo entre o vigor do corpo da mulher no passado e sua decadência no presente, faz com que nós lancemos o olhar sobre a questão do belo como qualidade impulsionadora do interesse sexual masculino.

A beleza tem sido objeto de reflexões sobre a essência do ser e a forma desde a Antiguidade. Segundo Mafalda Faria Blanc<sup>4</sup>, o amor é definido como desejo do belo e do eterno, em o *Banquete* de Platão. Para Aristóteles, ainda citando Blanc, “quanto mais evoluída for a alma, mais perfeita será a forma, maior a beleza do vivente” (p. 173).

A tradição helênica acerca da beleza é sintetizada pela obra do neoplatônico Plotino. Em seu *Tratado do Belo*, a beleza é identificada com a essência em que a forma sensível dos corpos resultantes da matéria é concebida sob o reflexo da beleza inteligível, remetida ao bem inefável e transcendente. Dessa maneira, Plotino (apud Blanc, 1998) articula no seu segundo tratado *Da Beleza Inteligível*: “onde estaria o belo privado de ser e o ser privado da beleza? Perder beleza é também perder o ser. E é essa razão pela qual o ser é objecto de desejo, porque ele é idêntico ao belo e o belo é amável, porque ele é o ser” (p. 152).<sup>5</sup>

Assim, também deslocando uma terminologia hegeliana, poderíamos afirmar que a personagem nassariana está na categoria do “sendo”. Ou seja, não constituindo “um ser ideal em si”. Para tanto, a mulher, sendo desprovida de beleza, estaria anulada não apenas na sua condição de forma, mas também na sua essência do ser, isto é, na sua identidade.

Entretanto, convém lembrarmos o caráter misógino que a questão da beleza feminina, tanto acerca da sua presença quanto da sua ausência, passaram a ter com o passar dos anos, por



conta das configurações subjugadoras do discurso masculino no decorrer da história do homem.

Camille Paglia nos remete, no seu livro *Personas Sexuais*<sup>6</sup>, ao deslocamento das representações do objeto que era “belo” na pré-história “daimônica” e a eleita pelo mundo ocidental “apolíneo”. Para tanto, à guisa de exemplificação, evocamos duas imagens reproduzidas na obra de Paglia: a Vênus de Willendorf (30.000 a. C) e a rainha egípcia Nefertite (1.350 a. C.). A primeira é a mãe-natureza, a deusa-mãe gorda, disforme em seus seios fartos, ventre exageradamente avantajado. A segunda representa já o perfil da mulher padrão do mundo ocidental: elegante, ornamentada com maquilagem e joias, com um quê de semblante masculino, não materno, que ao mesmo tempo atrai, fascina e, entretanto, impõe medo.

Ora, concordamos com a citação de Jules Bois (apud Dotti-Orsini), na obra *A Eterna Boneca*: “a mulher ...excitadora do macho, é também o seu reflexo: seus pequenos olhos infinitos registram fielmente a história do povo”<sup>7</sup>. Dessa forma, podemos entender melhor tais representações se recordarmos o período histórico em que foram produzidas, tanto a Vênus de Willendorf quanto o busto de Nefertite. A primeira ainda na pré-história, onde a mulher tinha uma posição central dentro das comunidades, e esta, já esculpida num momento de dominação masculina.

Segundo Muraro e Boff<sup>8</sup>, as mais antigas imagens sagradas são de mulheres grávidas de grandes seios e ancas, pois as primeiras culturas eram matricêntricas, já que o regime de trabalho era baseado na coleta. Assim, como apenas os frutos providos da natureza eram suficientes para a sobrevivência das comunidades, as mulheres não necessitavam possuir uma força física masculina. Seu corpo reverenciava o “belo” materno, o ventre farto que procriava. Havia, então, a inveja do útero por parte dos homens, pois estes eram seres marginais naquelas comunidades:

Inconscientemente, durante um milhão e meio de anos eles foram desenvolvendo uma inveja das mulheres. Nessas culturas, o órgão supervalorizado não era o pênis e, sim, o ventre – grávido – das mulheres, porque dele dependia a sobrevivência do grupo e dos seres que alimentavam a vida recém-criada. (MURARO; BOFF, 2002, p. 173).



No entanto, com a chegada do período de necessidade da caça, os homens passaram a delinear uma trajetória até o patriarcado, pois descobriram seu papel na procriação e, por meio da força física, estabeleceram seu domínio, há cerca de 20 mil anos. Então, deu-se o perfil das relações de gênero que passamos a conhecer nas sociedades patricêntricas: “a mulher fica reclusa no domínio da casa – do privado – e o homem assume o domínio público”<sup>9</sup> (p. 173).

Quanto à representação da mulher feia, Mireille Dottin-Orsini<sup>10</sup> dedica-se ao que chamou de “a ascensão da carniça”, lembrando-se das esculturas medievais que representavam de um lado uma mulher bonita e, do outro, a mesma figura feminina deteriorada e plena de vermes. Tal escultura tinha uma função religiosa de remeter ao perdão e à brevidade da vida, inicialmente. Mas conforme cita na página 42:

Tratava-se realmente, oficialmente, de *Memento Mori*, de *Contemplus Mundi* para uso feminino; mas era justamente neste feminino que estava o problema. Os textos da Idade Média e sua correspondente iconografia visava ao Homem. [...]. A partir de Baudelaire, operou-se uma verdadeira deturpação do discurso religioso, com a finalidade de armamento (pouco leal) para o combate dos sexos. A imagem macabra não era mais um meio pedagógico de reflexão sobre a igualdade diante da morte: era tomada em grau máximo em toda a sua brutalidade, e projetada sobre “A Outra”. Não se tratava mais, para o homem, de contemplar-se como cadáver e arrepende-se; tratava-se de transformar uma mulher em cadáver, não para convertê-la, mas para amedrontá-la e mudar sua beleza em objeto de horror.

Desse modo, parece-nos que o homem criou meios para dominar a mulher como uma espécie de modo de vingar-se – ou expiar-se – da inveja do útero. Muraro e Boff falam-nos da inveja do ventre, Dottin-Orsini de vingança masculina e Paglia cita o medo masculino inconsciente que ainda perdura ao nos remeter ao mito da Vagina Dentada. Afinal é a mulher quem devora o homem no ato sexual.





Erigir e lembrar o lado feio da mulher reflete a necessidade do discurso masculino em ostentar seu domínio, por meio de uma imagem de deterioração. Assim, no conto “Hoje de Madrugada” temos o seguinte excerto: “Quando ela veio da janela, ficando de novo na minha frente, do outro lado da mesa, não me surpreendi com o laço desfeito do decote, nem com os seios flácidos tristemente expostos, e nem com o traço de demência lhe pervertendo a cara” (p. 59).

## 2 Begierde versus Oréxis

Segundo Luciana Wrege Rassier, da Université de La Rochelle, em trabalho apresentado no simpósio internacional *Fazendo Gênero*, intitulado *Manipular e ser manipulado: as personagens femininas de Raduan Nassar* nos assevera que:

Uma primeira abordagem dos textos do paulista Raduan Nassar pode levar a crer que a representação das personagens femininas reforçaria uma perspectiva de depreciação das mulheres e de afirmação de uma pretensa superioridade masculina. No entanto, no universo nassariano, a interação masculino-feminino corresponde à busca constante de um equilíbrio por natureza precário.<sup>11</sup>

De fato, as questões de gênero no conto, além do equilíbrio pretendido, parecem perpassar também pela questão do desejo hegeliano: a *Begierde*, em que o indivíduo se afirma pela negação do outro. Portanto, mesmo que essa negação signifique anular o ato erótico, o que vale é contrariar o outro, afinal é ela quem implora, ela que parece circunscrever o termo grego, conforme Marilena Chauí<sup>12</sup> nos recorda, de “Oréxis, ação de tender para algo ou alguém, donde apetite e desejo, vem de oregô, tender, estender, dar, oferecer, estender as mãos para implorar” (p. 22).

Vejamos outro excerto do conto: “Foi uma caligrafia rápida e nervosa, foi uma frase curta que ela escreveu, me empurrando o bloco todo, sem destacar a folha, para o foco dos meus olhos: ‘vim em busca de amor’ estava escrito, e em cada letra era fácil de ouvir o grito de socorro”. Mais à frente o narrador arremata: “Fiquei um tempo sem me mexer, mesmo sabendo que ela sofria, que pedia em súplica, que mendigava afeto. Tentei arrumar foi



um esforço sua imagem remota, iluminada, provocadoramente altiva, e que agora expunha a nuca a um golpe de misericórdia” (p. 58).

A mulher, sendo o sujeito no jogo de sedução, é quem tenta transgredir o único espaço tangível nas relações de afeto: o corpo. Assim, o homem sente-se perturbado e vê, no deslocamento do seu papel de caçador para caça, um tom de teatralidade. Aliás, a teatralidade parece perpassar toda a obra de Nassar. Aqui convém lembrar o que nos diz Francesco Alberoni sobre o comportamento masculino diante dessa iniciativa feminina, que bem caberia como hipótese para a recusa do narrador em dar afeto à sua dama:

Outro fato paradoxal é que o homem, quando uma mulher se entrega a ele com muita facilidade e de modo desabrido, tem a impressão de que ela o faz por cálculo, ou por um motivo, isto é, que age como uma prostituta. A expressão pejorativa puta quer dizer afinal que ela finge, que engana, que usa sua sexualidade com fins não eróticos. Não nos esqueçamos de que, para o macho, o prazer sexual é um fim por si mesmo. A idéia de que é usado com outra finalidade o perturba. A idéia de que a excitação erótica possa ser simulada o inquieta. Por que ele não pode fazer isso, porque nele a ereção é uma prova que não pode falsificar.<sup>13</sup> (p. 61).

Outra hipótese que pode ser arrolada para a recusa do homem é o fato do desinteresse que os supostos longos anos impõem à vida conjugal, conforme nos é retratado. Adauto Novaes nos diz que: “Acontece com os afetos e desejos o mesmo que acontece com a liberdade: uma prodigiosa desatenção, perda de intensidade, um estado de perturbação profunda pela imaginação delirante”<sup>14</sup> (p. 11). Igualmente, como os personagens parecem desenvolver uma relação amorosa há tempos, as relações de afeto foram se deteriorando naturalmente.

Do mesmo modo, Georges Bataille afirma, em sua obra *O Erotismo*, que:

O casamento é muito frequentemente considerado como se tivesse poucas coisas a



ver com o erotismo. [...] O mais grave é que o hábito atenua a intensidade, e o casamento implica o hábito. Existe um acordo considerável entre a inocência e a ausência de perigo que apresentava a repetição do ato sexual (ficando apenas o primeiro contato marcado pela apreensão) e a ausência de valor, no plano do prazer, ordinariamente atribuída a essa repetição. Esse acordo não negligenciável diz respeito à própria essência do erotismo. (p. 173).<sup>15</sup>

### Considerações finais

À guisa de conclusão, discordamos do que afirma Rassier sobre o perfil da mulher nassariana que a pesquisadora teceu, conforme já supracitamos, acerca do equilíbrio no arrolamento dos gêneros. Sim, é verdade que Nassar ao dar a uma personagem feminina o papel de sujeito a coloca numa posição de equilíbrio quanto ao conflito dos gêneros, posto que é o homem que costumeiramente impõe à mulher o caráter de objeto sexual nas relações de afeto. Entretanto, convém lembramos, numa metáfora aleatória, a escultura do renascentista Benvenuto Cellini de 1540: *Perseu com a cabeça de Medusa*. Apesar da mulher ser a *femme fatale*, de ter o papel "daimônico" de sedução, é o homem, ao final, quem segura sua cabeça ao alto, separando a mente e o corpo dela, que, aliás, este, ele mantém sob seus pés ocidentais.

A representação do erotismo, em Raduan Nassar, termina em silêncio e solidão, conforme nos remete Octavio Paz (1999, p. 37)<sup>16</sup>, e os personagens de "Hoje de Madrugada" passam a ser rodeados por fantasmas:

O ato erótico é uma cerimônia que se realiza de costas para a sociedade e diante de uma natureza que jamais contempla a representação. O erotismo é, ao mesmo tempo, fusão com o mundo animal e ruptura, separação desse mundo, solidão irremediável. Catacumba, quarto de hotel, castelo forte, cabana na montanha ou abraço na intempérie, tudo é igual: o erotismo é um mundo fechado tanto à sociedade quanto



à natureza. O ato erótico nega o mundo – nada real nos rodeia, exceto nossos fantasmas.

Desse modo, podemos aferir que as personagens estão pressionadas dentro de um jogo de representação, em que o homem não se entrega a uma natureza instintiva esperada nem a mulher consegue fugir às amarras sociais históricas. Assim, apesar da ousadia desta, ela vê seu desejo se entrevar, diante do fantasma de uma não mais beleza, ocasionada pela velhice. Portanto, é também a feiura do corpo que reflete e interfere na esfera das relações afetivas, analisada em “Hoje de Madrugada”.

### Referências

ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BATAILLE, Georges. *O erotismo-ensaio*. São Paulo: Arx, 2004.

BLANC, Mafalda. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Laços do Desejo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NASSAR, Raduan. *Um Copo de Cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. Hoje de Madrugada. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. n.º 2. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.





PAZ, Octavio. *Um mais além erótico*: Sade. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarin: 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. n.º 2. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 1996.

RASSIER, Luciana Wrege. *Manipular e ser manipulado*: as personagens femininas de Raduan Nassar. Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st\\_13\\_B.html](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_13_B.html)>. Acesso em: 20 dez. 2006.

### RESUMO

Este trabalho discute alguns aspectos a respeito do conto "Hoje de Madrugada" de Raduan Nassar, como a função da beleza nas relações de afeto. Ainda examina tópicos relativos à questão feminina, não apenas no conto, mas dentro da história ocidental. A obra desse escritor brasileiro revela-se por meio de nuances eróticas, em que o desejo do corpo esbarra com as questões castradoras da sociedade ocidental. Entretanto, surpreende-nos a figura feminina nassariana que abandona a posição de objeto para ser sujeito no jogo de sedução. Para tanto, o narrador pinta um cenário onde a dama suplicante vê frustrado seu desejo, levando os personagens à solidão e ao silêncio.

Palavras-chave: Nassar. Mulher. Afeto. Desejo.

### ABSTRACT

This essay discusses some aspects about short story "Hoje de Madrugada", of Raduan Nassar, as the function of beauty in affection's relationship. It also examines aspects relative to the question of the feminine, not only in the short-story, but also in Western history. Raduan Nassar shows through erotics lines, where the desire of the body is interrupted due to castrating questions of Western society. However, we are surprised by the author's female image abandoning the object position to be subject in the seduction game. For in such a way, the narrative paints a scene where the supplicating lady sees its desire frustrate, leading the characters to loneliness and silence.

Keywords: Nassar. Woman. Affection's relationship. Desire.



## Notas

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada e Pós-colonial pela Universidade de Bolonha (UniBO), onde desenvolveu pesquisa com o auxílio de bolsa da Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e em Direitos Humanos e Gerência de Conflitos (SSSUP – Itália).

<sup>2</sup> NASSAR, Raduan. *Um Copo de Cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>3</sup> \_\_\_\_\_. Hoje de Madrugada. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. n. 2. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

<sup>4</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao Silêncio. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. n. 2. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

<sup>5</sup> BLANC, Mafalda Faria. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

<sup>6</sup> BLANC, Mafalda Faria. *Estudos sobre o ser*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

<sup>7</sup> PAGLIA, Camille. *Personas Sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>8</sup> DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

<sup>9</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

<sup>10</sup> MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

<sup>11</sup> DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

<sup>12</sup> RASSIER, Luciana Wrege. *Manipular e ser manipulado: as personagens femininas de Raduan Nassar*. In: Disponível em: <[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st\\_13\\_B.html](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/st_13_B.html)>.

<sup>13</sup> CHAUÍ, Marilena. Laços do Desejo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

<sup>14</sup> ALBERONI, Francesco. *O erotismo: fantasias e realidades do amor e da sedução*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

<sup>15</sup> NOVAES, Adauto (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>16</sup> BATAILLE, Georges. *O erotismo – ensaio*. São Paulo: Arx, 2004.

<sup>17</sup> PAZ, Octavio. *Um mais além erótico*: Sade. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1999.